



Política Econômica ou Economia Política?¹

Fábio Pádua dos Santos²

Entre as vozes liberais no Brasil, uma vem chamando atenção pelo desapego às ideias economicistas. André Lara Resende, em *Devagar e Simples: economia, Estado e vida contemporânea*, resgata o estilo ensaístico e globalizante que o período atual exige. Reunindo textos de diferentes naturezas, o livro condensa não apenas a visão do autor sobre a contemporaneidade como também aponta para problemas estruturais da sociedade brasileira.

O livro está organizado em três eixos: fortunas do crescimento, insatisfações difusas e repensar o Estado. No primeiro eixo, Lara Resende destaca que o progresso técnico tem permitido às sociedades contemporâneas superarem o desafio econômico clássico da escassez absoluta, não obstante tenha se revelado incapaz de sustentar o emprego e, conseqüentemente, a demanda. Isto coloca em novas bases a questão do acesso a justa fatia da produção social. Para responder esta questão, Resende compreende que o pensamento econômico precisa adotar novos conceitos e métricas do desenvolvimento para além do PIB ajustados às necessidades da realidade atual. O autor ainda sugere que não tenhamos pressa, pois, forçar um milagre econômico não só destrói instituições como também engendra distorções. O crescimento não deve vir a qualquer custo. Por isso, não há lugar para velhos remédios, afirma Resende. Em sua análise, o Brasil enfrenta os problemas da velhice, isto é, está sujeito às restrições do crescimento no longo prazo: o crescimento demográfico e o progresso técnico. Sendo assim, insistir em estímulos artificiais de demanda seria compreender equivocadamente o problema como dores cíclicas do crescimento rápido. Daí seu otimismo cético emprestado de Tony Judt (2015) para quem “melhorias imperfeitas em circunstâncias insatisfatórias são as melhores que

¹ Resende, André Lara. *Devagar e Simples: economia, Estado e vida contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, 209 p.

² Professor Colaborador no Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFSC. Doutor em Desenvolvimento Econômico pela Unicamp. fpadua@gmail.com



podemos esperar, e provavelmente tudo o que devemos procurar.” O processo de destruição criadora pela qual passamos indica que a economia está cada vez mais desmaterializada, elevando as incertezas e abrindo questões políticas e econômicas ainda mais complexas. Apesar dos argumentos pessimistas, Lara Resende compreende que o tempo atual dá sinais de vitalidade da tese liberal segundo a qual o desenvolvimento é o aumento da possibilidade de escolha.

Por este caminho é nítido o esforço do autor para superar o economicismo que domina o debate econômico brasileiro atual. Na segunda parte, das insatisfações difusas, o autor explora o mal-estar contemporâneo a partir do poder de deliberação do indivíduo. Apesar dos avanços em nossa capacidade técnica de racionalizar decisões com base em sistemas complexos logicamente consistentes, para Lara Resende isto não implica necessariamente que o indivíduo está se tornando mais inteligente, aprofundando sua capacidade adaptativa. Ao contrário, a medida que adquire consciência de seus limites acirram-se posições antagônicas. Ao invés de impor algum tipo de ordem não presidencializável, o autor argumenta que é preciso abandonar o heroísmo ingênuo e perseguir o heroísmo genuíno, o qual aceita a contingência, suporta a contradição e não perde a esperança. Este é o caminho possível para a inovação social. Para ele, as insatisfações sociais têm origens na obsessão pelo crescimento material em detrimento da qualidade de vida.

O ponto central, portanto, está na necessidade de se formular e executar um novo tipo de desenvolvimento. Este é o tema da terceira parte do livro, para repensar o Estado. André Lara Resende compartilha a ideia de desenvolvimento de Amartya Sen para quem a expansão das liberdades substantivas deve ser o meio e o fim do desenvolvimento. Deste ponto de vista, o desafio do nosso tempo reside no fato da incapacidade do capitalismo competitivo resolver por si só os problemas da desigualdade e da exclusão social. Apoiado em Hannah Arendt e Richard Sennett, Lara Resende destaca que as dificuldades de enfrentar ambos os problemas está na mentalidade capitalista moderna que ao sobrevalorizar o trabalho acabou por desvalorizar a vida pública, a política e a cidadania. Na interpretação do autor, a desvalorização da esfera pública deriva da obsessão introspectiva dos indivíduos resultante tanto da secularização como do capitalismo industrial. Sendo assim, para Resende, demonstrar que vida pública e o moderno capitalismo de massas “... não



propostas inconciliáveis é o grande desafio do projeto de desenvolvimento nos tempos atuais.” (p. 153) Portanto, o autor chama a atenção para a necessidade de se reconstruir a relação entre o público e privado no sentido de garantir a expansão das liberdades, convidando o leitor a repensar o Estado para além do viés economicista que compreende o problema fiscal como inibidor do crescimento.

A profundidade da reflexão de Lara Resende está em tentar relacionar a singularidade do Brasil com a desilusão moderna de que o crescimento econômico seria o meio para uma vida em harmonia e feliz. Nesta direção, Resende sugere que problema da sociedade brasileira está no caráter patrimonialista do Estado. A tese não é nova, mas a forma como o patrimonialismo se apresenta sim. Nos dizeres do autor, “a herança patrimonialista, misturada aos desafios de um país grande e desigual, a meio caminho para o mundo desenvolvido, criou um Estado caro, ineficiente e, sobretudo, disfuncional. Um Estado cujo único objetivo é viabilizar a expansão de seu poder e de suas áreas de influência. Um Estado que cria uma regulamentação kafkiana, com exigências burocráticas cartoriais absurdas, cujo resultado é aumentar custos, reduzir a produtividade e complicar todas as esferas da vida. O patrimonialismo do Estado brasileiro, sua incapacidade de respeitar os limites e os deveres em relação à sociedade, tem longa tradição, mas toma novos contornos com a sofisticação da economia, com a chegada do país à sociedade do espetáculo e à democracia de massas. O uso e abuso das técnicas publicitárias, a criação de dificuldades de toda ordem para a venda de facilidade, a simbiose com a cultura dos direitos especiais adquiridos e a aliança com grupos econômicos selecionados são a nova face do velho patrimonialismo.” (p. 191)

Para Lara Resende, esse velho patrimonialismo se apresenta atualmente na forma de um assistencialismo inatacável. Ele não nega que os mercados, poderosos instrumentos de criação de riqueza, dependem dos Estados, de suas leis e instituições. Não nega também que as modernas sociedades democráticas dependam de algum mecanismo de assistencialista redistributivista coordenado pelo Estado. O ponto central que o autor quer chamar a atenção é para o caráter disfuncional do Estado brasileiro que, por vezes, joga contra sua própria sociedade. Diante da complexidade contemporânea, a centralização e o viés autoritário não parecem ser o caminho mais promissor. André Lara Resende propõe como encaminhamento que experimentamos a descentralização. “Os mercados não são



milagrosos, mas um pouco de competição no sistema político, sob o guarda-chuva de uma verdadeira federação, pode ser a única forma de viabilizar a complexidade contemporânea com a democracia e a existência de Estados eficientes e com mais respeito aos contribuintes” (p. 196), afirma o autor.

Do ponto de vista da formação do Estado brasileiro, Lara Resende parece compartilhar a tese institucionalista segundo a qual determinados arranjos institucionais ao invés de estimular o crescimento econômico podem, ao contrário, desestimulá-lo. Ignora, portanto, que na periferia do sistema mundial, o capitalismo avança por meio de estruturas patrimonialistas que se valem do discurso liberal para propor uma modernização seletiva, sem generalizar a mensagem do individualismo, como bem observou Richard Morse (1988). Não obstante, o mérito do livro está em resgatar o estilo de reflexão da economia política clássica que coloca no centro da discussão a problemática da instituição e da regulação social. Preocupação esta que escapa a maior parte dos formuladores de política econômica por não distinguirem estatização de estatismo. Tanto à esquerda quanto à direita, a questão levantada por Lara Resende merece um exame cuidadoso na medida em que o futuro do Brasil dependerá de nossa capacidade de construir coletivamente alternativas mais igualitárias e inclusivas.

Referências bibliográficas

JUDT, T. **When the facts change: essays, 1995-2010**. Ebook ed. New York: Random House, 2015.

MORSE, R. M. **O espelho de Próspero: cultura e idéias nas Américas**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1988.